

“Imaginário e dominação: a caça ao diabo vermelho nos campos gaúchos; estudos do processo de organização da classe patronal rural entre 1960-1964”

DARLAN DE FARIAS RODRIGUES¹; ALESSANDRA GASPAROTTO²

¹Universidade Federal de Pelotas – darlanneo250@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sanagasparotto@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo desenvolver ideias relacionadas às pesquisas realizadas durante o período de bolsa de iniciação científica, dentro do campo de estudos sobre a ditadura civil-militar brasileira, mais precisamente, sobre a questão agrária durante a década de 1960, momentos que antecedem o golpe de 1964. Esse projeto será, portanto, o desenvolvimento do aluno em questões teórico-metodológicas e da pesquisa histórica em contato com os documentos e estudos feitos durante esse processo de aprendizado.

O estudo se debruça sobre a questão agrária no estado do Rio Grande do Sul nos primeiros anos da década de 1960, período que antecede o golpe de 1964. Nos interessa observar: a articulação de classe do setor ruralista – o domínio se organizando e agindo por diversos meios; criação e utilização do imaginário anticomunista, importante para compreendermos o funcionamento de uma estrutura organizativa dentro do sistema de guerra fria. Dessa forma, fazer um estudo das estruturas de domínio, suas ramificações, articulações e a construção ideológica da realidade, fator importante na questão do estabelecimento da hegemonia burguesa e legitimação do regime instaurado pós 1964. A documentação analisada inclui discursos da Assembleia legislativa do Rio Grande do Sul entre os anos de 1962 à 1964, atas de entidades rurais locais e material anexado aos anais da Casa.

2. METODOLOGIA

Após um período de estudos da documentação – foco no acervo disponível da Assembleia legislativa do Rio Grande do Sul – e identificação dos conteúdos, pudemos observar questões significativas nos discursos. A reestruturação sitêmica em escala global expressada no *micro*, no se fazer do cotidiano. Fazendo a abordagem do conteúdo ideológico dos discursos, suas bases e estruturações materiais, buscamos propor algumas reflexões sobre o processo de formação da realidade, através da documentação e da discussão sobre a base do próprio conflito no campo, a propriedade privada. Para essa abordagem vamos trabalhar o conceito de *imaginário anticomunista*, possibilitando desenvolver questões acerca do desenvolvimento do *Ocidente*, do *imperialismo* Norte-americano e das ditaduras latino-americanas. Iremos, portanto, estudar a articulação para o golpe civil-militar de 1964, passando pela criação do imaginário, difusão ideológica e articulação de classe, esta a classe patronal rural organizada, os *ruralistas*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No mês de janeiro de 1962, nos pronunciamentos na Assembleia Legislativa do Estado vemos diversos discursos dos deputados em apoio e comentando a organização dos ruralistas, mostrando o forte apoio que a então classe rural tinha dentro do próprio poder do Estado. O deputado Faria Brenner do PTB discursa com certo entusiasmo:

“Avulta, Srs. Deputados, o sentido altamente pacífico, social e, especificamente religioso, por ordeiro, organizado e bem intencionado com que pretende discutir o assunto a classe rural do Rio Grande. Compreenderam, enfim, os lavoureiros e pecuaristas o sentido profundamente patriótico da sua coesão, e nasce agora, Srs. Deputados, um movimento fadado a grande sucesso entre a classe dedicada às lides do campo, o movimento ruralista.” (Anais da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. 10/01/1962).

É forjado um imaginário de vanguarda na defesa dos valores, dos direitos e pela “real” reforma agrária, aquela que beneficiaria os trabalhadores do campo, aqueles que estariam aptos a trabalharem, estes seriam alguns; o privilégio da posse se mantem. A reforma pautada é uma “reforma modernizante”, não alterando as estruturas da propriedade rural, nem do domínio. Esse modelo de reforma é alinhado à Doutrina Social da Igreja; modernização e humanização do trabalho, do próprio capital. Em um cenário mais amplo esse capitalismo com rosto humano está de pleno acordo com o avanço do Ocidente, encarnado na Doutrina de Segurança Nacional, que permite o avanço e ocupação transnacionais, estabelecendo a lógica de fronteira ideológica. O Ocidente – EUA e Europa ocidental –, imaginário construído nos últimos 500 anos de desenvolvimento de acúmulo de capital, se vê durante o pós-guerra como vanguarda civilizatória com a missão de salvaguardar a moral, os direitos e a família do “perigo vermelho instaurado no leste”. A ocupação capitalista se dá, a partir da década de 1960, com os exércitos nacionais agindo na forma de polícia militar sobre as populações.

O incentivo a violência, e ao clima de tensão, que se intensifica e é constantemente alimentado pelas entidades da classe rural, defensoras de seus privilégios, é narrado em documento dos dirigentes do MASTER (Movimento dos Agricultores Sem Terra do Rio Grande do Sul) de Uruguaiana – movimento que surge neste contexto de lutas pelo direito à terra na década de 1960 - dirigido à Assembleia Legislativa, segue trecho do documento:

[...] Sr. Deputado. Embora ridícula essa investida do Sr. Fontoura contra os “Moinhos dos Ventos das Reformas de Base” esse fato por certo se reveste de certa gravidade porque se enquadra com rara coincidência na preparação golpista que visa impedir pela violência as medidas de reforma agrária que se propõe decretar o Presidente da República. Tal acontecimento que ameaça as liberdades públicas e o regime não pode passar despercebido dos representantes do povo do Rio Grande do Sul.

Isto se torna mais necessário porque o teor do telegrama do Sr. Oscar Fontoura dá entender que essa mobilização convocada foi feita com aprovação do Governador Ildo Meneghetti – que assim solicitava o apoio do exército dos fazendeiros contra as desapropriações de terras sob o pretexto de defesa da propriedade privada contra agitadores e comunistas. (Anais da Assembleia Legislativa – 18/03/1964.)

Temos o desenvolvimento de uma lógica de funcionamento que será incorporada ao Estado, a *violência* e a *repressão* como *linguagem* estabelecida com a sociedade.

4. CONCLUSÕES

Seria um tanto contraditório estabelecer conclusões neste espaço, me proponho a levantar algumas reflexões sobre o processo de desenvolvimento e de pesquisa. Penso que seja de interesse comum esplanar sobre a formação ideológica dos discursos, mesmo aqueles que se dizem *sem partido*. O desenvolvimento desta pesquisa histórica está em pleno desenvolver com o estudante de história, latino americano. Creio que tirar as máscaras que deixam a realidade nebulosa seja de crucial importância para um pleno desenvolver científico e humano do conhecimento, que permita o desenvolver da vida, da liberdade e do próprio trabalho. E estudar as nossas estruturas materiais, ideológicas e a própria formulação da realidade na sua forma *cotidiano* é algo que me da tesão – sua forma potência/vontade – e me motiva ao trabalho e a produção coletiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, M. **Apologia da história, ou, o Ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CHOMSKY, N. **Pasión por los mercados libres: Exportando los valores nortamericanos a través de la nueva Organización Mundial de Comercio**. 1997. Disponível em: << <http://www.angelfire.com/la2/pnascimento/ensayos.html> >> Acesso em: 24/05/2016.
- DREIFUSS, R. **1964: A conquista do Estado**. Petrópolis: Vozes. 1981.
- GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- GASPAROTTO, A. **Tese de doutoramento, capítulo I**. S/I. 2016.
- KEHL, M. **Tortura e sintoma social**. In: TELLES, E. ; SAFATLE, V. **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- LÖWY, M. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 2008.
- LUKÁCS, G. **Reboquismo e Dialética**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- MARTINS, J. **A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário**. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- MARX, K. **O Capital. Livro I: O processo de produção do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____. **Teses sobre Feuerbach**. Em: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; Feuerbach. **Oposição das concepções materialistas e idealista**. In: idem. Obras escolhidas. Moscovo: Progresso / Lisboa: Avantel, 1982.
- MELO, I. **Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções**. Letra Magna. Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009.
- MIEVILLE, C. **Marxismo e Fantasia**. Margem esquerda; Tradução Kim Doria; In: *Historical Materialism*, v.10, n.4, 2002.
- MORAES, T. **“Entreguemos a empresa ao povo antes que o comunista a entregue ao Estado”: os discursos da fração “vanguardista” da classe empresarial gaúcha na revista “Democracia e Empresa” do Instituto de Pesquisas Econômicas e sociais do Rio Grande do Sul (1962 – 1971)**. Dissertação de Mestrado em História. Porto Alegre: PUCRS, 2012.
- PIOVESAN, F. **Direito internacional dos direitos humanos e lei de anistia: o caso brasileiro**. In: TELLES, E. ; SAFATLE, V. **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- RAMOS, C. **A construção do sindicalismo rural brasileiro**. S/I.
- ROCHA, D; DEUSDARÁ, B. **Análise do conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória**. ALEA - vol.7 - no.2 - Rio de Janeiro, 2005.
- RODEGHERO, C. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945 – 1964)**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- TELES, E; SAFATLE, V. **O que resta da ditadura**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- TODOROV, I. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa. Vol. I – A árvore da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ZIZEK, S. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia/Theodor W. Adorno...[et. al.]**; organização Slavoj Zizek; tradução Vera Ribeiro. - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.